

III Jornada Brasileira de Educação e Linguagem
XII Jornada de Educação de Mato Grosso do Sul
III Encontro dos Mestrados Profissionais em Educação e Letras

Tema: **IMPACTO DAS REFORMAS EDUCACIONAIS
NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

UEMS, Campo Grande, Brasil - 06 a 08 de junho de 2018



CORPO-VÍNCULO: PROCESSOS DE CRIAÇÃO EM ARTE, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

Paulo Henrique dos Santos Oliveira
(Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

Christiane Guimarães de Araújo
(Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

Resumo: O objetivo do artigo é, através da pesquisa de abordagem qualitativa, apresentar uma breve reflexão a partir da experiência adquirida durante a disciplina Estágio Curricular Supervisionado II do curso de Artes Cênicas e Dança da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), realizada com alunos do 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Maria Constança Barros Machado. Buscamos possibilitar diálogos entre o fazer artístico e pedagógico, provocando o pensamento sobre a ação participativa e crítica do aluno – por meio da experiência em Arte –, no processo de intervenção no mundo via corpo, ou seja, através de sua singularidade expressiva. Partindo dessa reflexão, a pesquisa volta o seu olhar sobre a criação artística em sala de aula, dá atenção ao processo criativo e abre espaço para discutir a interação entre arte e tecnologia, enxergando a tecnologia como um suporte possível para a criação e percebendo as suas influências nos processos de ensino-aprendizagem.

Palavras-Chave: Arte. Tecnologia. Estágio Supervisionado. Processo de Criação. Poéticas.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo provocar reflexões sobre a tecnologia como um suporte para as criações na disciplina de arte, uma experiência desenvolvida no Estágio Curricular Supervisionado II do Curso de Artes Cênicas e Dança da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS). Por meio de uma pesquisa de abordagem qualitativa, utilizaram-se como procedimentos metodológicos leituras dos planos de aula desenvolvidos e pesquisa bibliográfica, que nos desse aporte teórico para tais reflexões.

A disciplina foi realizada em duplas, tive como parceira a então acadêmica do curso, Louise Padron Chiappetta. O campo de investigação realizou-se com três turmas do 3º ano do Ensino Médio no período matutino, na Escola Estadual Maria Constança Barros Machado, entre junho e julho de 2017. Com o desafio de apresentar aos estudantes a abordagem que seria desenvolvida nas aulas pelos estagiários (teatro e dança na disciplina de Arte), inseriu-se a ideia de que o aluno tem ação participativa e crítica no mundo e que ele pode utilizar o seu corpo como forma de expressão.

Buscando embasamento teórico, as experiências e relatos aqui reportados não serão meramente descritos, mas sim, trarão uma problematização reflexiva relacionada ao contexto vivido com a finalidade de contribuir para as áreas de conhecimento do ensino de Arte.

Dentro da escola podemos compreender a Arte como um modo privilegiado de conhecimento ela aproxima indivíduos e fortalece o vínculo entre diferentes culturas, revelando uma concepção particular dos sentidos, que vai além do discurso verbal, uma vez que ela é construída também através de imagens visuais, sonoras e corporais. A arte abarca objetos e ideais que não precisam necessariamente se constituir a partir de um discurso linear. Cabe então à escola oferecer maneiras para que o aluno reflita sobre a Arte como fonte de conhecimento e compreenda a autonomia da disciplina, tornando-a rica em sua formação. A atuação do professor da disciplina vai no sentido de expandir os sentidos e a visão de mundo dos alunos, os ajudando a não se prenderem em obviedades, percebendo e interpretando obras de arte e suas relações com o mundo, por exemplo.

O objeto dessa pesquisa está intimamente ligado à relação entre tecnologia, educação e arte, e em como o professor é capaz de – valendo-se de diversas linguagens, como o teatro, a dança e as artes visuais – proporcionar aos alunos a possibilidade de se relacionarem e de sentirem suas capacidades de criação. Nesse sentido, esta comunicação dialoga com as ideias de Bene Martins (2009), Christine Greiner e Helena Katz (2005), José Moran (2015), Regina Pinheiro (2002) e a proposta artística do grupo Cena 11 de Florianópolis. Procura investigar o processo criativo de alunos do ensino médio no ambiente escolar atravessado pelas relações corpo e mídias digitais que entende e busca promover a tecnologia como um suporte possível para a criação ao perceber suas influências na construção poética.

A pesquisa se torna relevante por partilhar e tangenciar questões de um assunto contemporâneo sobre das barreiras encontradas pelo ensino de Arte. Aliar a tecnologia aos processos artísticos em sala de aula é aproximar e transformar os avanços tecnológicos

presentes na vida dos alunos numa forma de colaboração, convertendo-o sem estruturas desses processos artísticos.

Enquanto artista da dança, me interesso pelos processos de criação e pelos caminhos que cada obra artística carrega. O interesse em falar sobre a minha experiência em Estágio Curricular Supervisionado II aparece quando percebo que a sala de aula é um dos melhores lugares para compartilhar as múltiplas possibilidades do ato de criar. Assim, é possível contribuir para o aperfeiçoamento do processo ensino-aprendizagem, revelando novos horizontes e perspectivas para construir bons relacionamentos e estabelecer novas interações. O que interessa nesta pesquisa não é diretamente o resultado, mas sim, pesquisar modos de fazer.

DIÁLOGOS PEDAGÓGICOS: EXPERIÊNCIAS EM ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

No início do nosso estágio, o professor regente da disciplina de Arte nos solicitou que trabalhássemos durante as aulas com um tema, “A Materialidade da Arte”. Nesta perspectiva, a ideia foi apresentar aos alunos linguagens artísticas que utilizassem o corpo como suporte, pois eles estavam acostumados a trabalhar somente com a pintura e o desenho. Pensando nisso criamos o primeiro plano de aula tendo como tema “As marcas no/do corpo”, no qual o objetivo era fazer com que os alunos reconhecessem e explorassem linguagens artísticas que utilizam o corpo como suporte ou meio de expressão. Quando queremos representar algo simbolicamente e não encontramos essa representação apenas na linguagem falada, aparecem então outras formas de linguagem que nos fornecem material para essa comunicação: o corpo. Não estamos falando aqui da representação do corpo, mas sim, do próprio corpo como obra de arte. Atualmente, os limites entre as linguagens artísticas estão sendo derrubados e, por isso, a arte encontra outras relações usando o corpo como suporte, seja através do teatro, da dança, da *performance*, da fotografia, da *body art* e outros muitos exemplos, assim como nos diz Martins (2009, p.34):

Trata-se de chamar a atenção para o fato de que o corpo humano, independente de idade, estrutura física, crenças, classe social, é uma espécie de caixa de pandora. No corpo, se camuflam, em estado latente, inúmeros clamores que precisam ser liberados, em forma de ou via movimentos. Em movimento total e sem limites, de preferência.

Seguindo a ideia da autora, podemos dizer que o corpo dá conta de evocar essas representações, ele por si só responde as questões de uma obra artística. Porque o corpo é tudo o que temos. Então, começamos com atividades simples de contato e criação de pequenos gestos, mais tarde buscamos provocar a elaboração de outros conceitos através da construção de um vídeo arte e da captação de imagens que relacionassem o corpo deles com o ambiente escolar. Planejamos esse percurso em cinco planos de aula, cada uma das aulas teria a sua duração entre 50 e 100 minutos, que foram divididos em três temas principais.

O primeiro já apresentado, “As marcas no/do corpo”, o segundo tema foi “O Corpo da Arte”, no qual buscamos fazer com que os alunos observassem e interagissem com os colegas nas atividades propostas e cooperassem com as atividades em grupo, refletindo assim sobre as poéticas e estéticas de diferentes artistas compreendendo a importância do corpo na arte. E, no terceiro tema, “Tecnologia na Linguagem Artística”, buscamos proporcionar aos alunos a experimentação de novas perspectivas e olhares por meio da fotografia e do vídeo arte.

Durante a primeira aula trouxemos a *body art* como exemplo, exploramos com os alunos novas possibilidades de movimentação, ao explorar movimentos com os braços e as mãos para que, num primeiro momento, eles se sentissem mais confortáveis. Na segunda parte da aula solicitamos que os alunos imprimissem os movimentos pesquisados em um quadro de papel *craft* e tinta guache. Após terminarem essa atividade, foram levados à apreciar o trabalho produzido, depois disso, coletamos as impressões e reflexões feitas pelos alunos em nosso diário de bordo.

Ferraz & Fusari (2001) sugerem o olhar também pela ótica da educação estética, que é a formação do apreciador de arte. Segundo elas, no Brasil, por exemplo, a sua inclusão não é recente e pouco se trabalha com ela. A ideia não é fazer com que os alunos procurem somente um produto final ou que conheçam todas as técnicas, mas, que eles sejam capazes de aprofundar os conhecimentos para um processar contínuo. Desse modo, é necessário que o professor trabalhe com documentos artísticos produzidos culturalmente, informações complementares e materiais e instrumentos para produções artísticas. As autoras apoiam essa proposta, em torno dos eixos artístico e estético, pois, consideram que a interpretação dessas teorias esteja mais próxima de suas práticas. Para elas, a práxis artística circula entre o “construir”, “representar o mundo” e “expressar-se”. “A obra artística encerra sempre um sentimento artístico (de tempo, estilo, etc.), assim como é concretude e expressão de uma linguagem e sentimentos” (Ferraz & Fusari, 2001, p. 64). Podemos dizer que, uma educação

artística que segue esses caminhos, se elabora no estudo estético do cotidiano, integrando o fazer, o ler e o contextualizar as criações.

O segundo plano de aula veio com a intenção de trabalhar mais especificadamente “O corpo da Arte” pelo viés da dança contemporânea e o corpo como suporte para obras de arte. Nesta aula os alunos puderam ampliar as capacidades de movimentação e expressão corporal através da problematização do tema, de jogos e exercícios propostos. Durante a problematização da aula apresentamos vídeos de espetáculos de Pina Bausch, discutimos a presença do gesto em suas obras e realizamos uma roda de conversa que tinha como pergunta principal: O corpo tem alguém como recheio?

O corpo vive no estado do sempre-presente, o que impede a noção do corpo recipiente. O corpo não é um lugar onde as informações que vêm do mundo são processadas para serem depois devolvidas ao mundo. O corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é o resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas (KATZ; GREINER, 2005, p. 7).

Nesse sentido, percebemos que essa ideia de corpo rompe com a tradicional dicotomia, a separação entre corpo e mente. Para Katz e Greiner (2005) - criadoras da ideia de *corpomídia* que surge para pensar o corpo como um organismo vivo e capaz de estabelecer uma contínua troca de informações com a natureza – o corpo assume a qualidade de fluxo e está sempre em transformação ao receber os acontecimentos do ambiente e transformá-los também em corpo. Parafraseando as autoras, podemos dizer que o corpo não “é”, ele “está sendo”, modifica e é modificado pelo ambiente numa co-relação indissociável. Durante essa proposta, percebemos que os estudantes sentiam muita dificuldade de se expressarem corporalmente, pensando nisso, entramos com a ideia de inserir a fotografia como tema da aula seguinte para justamente trabalhar o corpo nas obras de arte sem que eles se sentissem desconfortáveis.

Na terceira regência, sob o tema “Tecnologia na linguagem artística”, o objetivo foi apresentar a utilização da tecnologia como uma forma de expressão artística através da experimentação. Durante o acolhimento da aula, relembramos com os alunos as discussões sobre as diferentes linguagens da Arte até chegarmos a falar sobre o cinema, a fotografia e o vídeo arte. Por meio de fotografias de seus corpos em movimento expressivo e criação de vídeo, buscamos estimular os alunos para um olhar crítico e sensível na relação de seus corpos com o meio escolar. Para isso, levamos aos alunos questionamentos como, por

exemplo: “Como podemos explorar no movimento coisas que nunca fizemos antes?” ou, “Como percebo este corpo em movimento sob uma nova perspectiva pelo olhar da câmera?”.

Nessa perspectiva, os estudantes puderam observar e interagir com o espaço e os colegas, exploraram novos olhares, utilizando a câmera fotográfica e as percepções do corpo no espaço. Dessa forma, utilizaram as câmeras dos seus celulares para exploração de diferentes ângulos e focos, trabalhando luzes e sombras e a aproximação e o distanciamento de seus corpos em posições que pudessem compor com o espaço da sala de aula. Finalizamos a aula com uma socialização, em uma roda de conversa pudemos compartilhar as experiências individuais e coletivas, vivenciadas pelos estudantes.

No quarto plano de aula abordou-se sobre o vídeo arte e o vídeo dança. Nesta aula, começamos relembrando as atividades trabalhadas na semana anterior e mostrando à turma as fotografias produzidas. Apresentamos aos alunos produções em vídeo de diferentes artistas, como por exemplo: *Me=Morar* e *Maria, Madalena* do Conectivo Corpomancia e *Jabuticabas pretas e más* e *La Bicyclette* da artista Paula Bueno. A proposta do jogo criativo foi desenvolvida em trios, os quais eram chamados para formar posições corporais no espaço e o restante da turma que observava podia sugerir alterações na imagem composta, mudando a perspectiva da cena elaborada. Como resultando dessa aula, foi solicitado aos estudantes como tarefa que fosse produzido em grupo um vídeo arte utilizando as produções da sala de aula ou não, partindo da ideia da relação do corpo e do ambiente escolar para ser apresentado na semana seguinte. Não queríamos um ensino-aprendizagem em Arte que se voltasse apenas para um fazer artístico vazio de sentidos e significados, daí a preocupação com o planejamento das aulas e da inserção do cotidiano dos alunos na criação artística.

No quinto e último plano de aula fizemos uma mostra dos vídeos produzidos pelas turmas, abrindo à apreciação, discutindo as diferentes poéticas e estéticas de cada obra apresentada. Para a construção de saberes, na segunda parte da aula, a turma foi separada em dois grandes grupos, de forma alternada cada grupo foi levado a experimentar movimentos ou posições do corpo a partir de estímulos produzidos pela projeção de algum vídeo da turma, ao final do vídeo cada integrante do grupo parava em uma posição para que os observadores do outro grupo marcassem com fita crepe as formas produzidas no chão ou na parede. Durante a socialização os alunos observaram as formas criadas e conversaram sobre as suas experiências durante todo esse percurso. Com a realização dos trabalhos durante os cinco planos de aula, discutimos também a relação entre a tecnologia e a arte, e os alunos puderam mergulhar no mundo intencional das suas próprias criações artísticas. Ficamos muito felizes quando

recebemos o convite do professor regente para participar da 1º Mostra de Vídeo Arte e Fotografia Contemporânea da Escola Maria Constança Barros Machado, que contou com a produção que os alunos fizeram durante o nosso período de estágio e com as atividades realizadas posteriormente na disciplina de Arte, não só da escola Maria Constança como também da Escola Estadual 26 de Agosto, onde o professor Jó de Aquino propôs a mesma atividade de criação artística.

Acreditamos que o estágio é uma forma de contribuir para a qualidade de formação de futuros profissionais mais comprometidos com o ensino contemporâneo. A regência é um belo encontro quando podemos relacionar as questões-temas que discutimos na Universidade ao fazer em sala de aula.

DIÁLOGOS CRIATIVOS: TECNOLOGIA, EDUCAÇÃO E ARTE

Vivemos a evolução dos processos de comunicação em uma condição de aceleração do tempo. Com isso, cada vez mais nossa vida é atravessada pela tecnologia.

Uma vez que esta geração convive naturalmente com as tecnologias digitais, suas influências trouxeram para os ambientes escolares alunos mais interativos e conectados. Diante deste contexto faz-se necessário um novo olhar sobre este espaço de convivência entre alunos e professores de diferentes gerações. A década de 1990 foi marcada pela popularização do computador pessoal e da internet. Na mesma época, surgiram os termos TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) e TDICs, integrando as mídias digitais no conjunto de recursos tecnológicos de informação e comunicação (MACHADO, 2016, p.2).

Assim, faz-se necessária a análise da interação entre nós e as TDICs (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação), na criação de uma nova camada perceptiva e a compreensão delas como um suporte possível para a educação.

A questão é sobre o uso da tecnologia dentro da escola, mas também de como colocá-la a nosso favor. Como aprimorar a qualidade da educação? Desde a utilização instrumental, da mais simples iluminação e do uso de elementos cênicos, com seu uso produtivo, a tecnologia aparece como um suporte possível para novas propostas de criação e novos processos criativos, ao explorar a comunicação, transformando assim, as relações estabelecidas com o público e com a própria obra, e com um olhar crítico e criativo trazendo também contribuições no que diz respeito à experiência estética e na pesquisa, exploração e apreensão do movimento expressivo e poético.

Respondendo à pergunta inicial, o uso da tecnologia em sala de aula pode abrir espaço para enxergarmos novos caminhos nos processos de ensino-aprendizagem, ao criar novas possibilidades e ampliar as relações entre professores e alunos.

Os alunos por crescerem em uma sociedade permeada de recursos tecnológicos, são hábeis manipuladores da tecnologia e a dominam com maior rapidez e desenvoltura que seus professores. Mesmo os alunos pertencentes a camadas menos favorecidas têm contato com recursos tecnológicos na rua, na televisão, etc., e sua percepção sobre tais recursos é diferente da percepção de uma pessoa que cresceu numa época em que o convívio com a tecnologia era muito restrito (ALMEIDA, 2000, p. 108).

Assim, é necessário que o professor conheça as possibilidades metodológicas que os recursos tecnológicos podem trazer, usando-os de forma crítica, criativa e produtiva, oportunizando o uso consciente também pelos alunos com a finalidade de orientá-los no processo de construção de conhecimento, sempre abrindo espaço para a experimentação que é inerente à estes fazeres.

Os recursos tecnológicos transformam o processo de ensino-aprendizagem, assim a utilização de qualquer mídia depende do conteúdo a ser apresentado nas salas de aula, dos objetivos dos planos de aula e dos procedimentos a serem desenvolvidos.

O que a tecnologia traz hoje é integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e aprender acontece numa interligação simbiótica, profunda, constante entre o que chamamos mundo físico e mundo digital. Não são dois mundos ou espaços, mas um espaço estendido, uma sala de aula ampliada, que se mescla, hibridiza constantemente. Por isso a educação formal é cada vez mais blended, misturada, híbrida, porque não acontece só no espaço físico da sala de aula, mas nos múltiplos espaços do cotidiano, que incluem os digitais (MORAN, 2015, p. 16).

Isso é imprescindível para levar o mundo para dentro da escola. Embora existam problemas estruturais acreditamos que as alternativas são bem maiores. O movimento das TDICs ganha força e os alunos não aceitam um modelo de educação ultrapassado em que o professor age de maneira vertical. A escola precisa estar aberta às novas linguagens que motivam os alunos, a ideia é sugerir um formato atual para aquilo que já é proposto.

Em *Gesto Inacabado*, Cecília Almeida Salles nos ajudar a pensar sobre o poder gerativo de sensações de uma criação artística, enfatizando a importância dos percursos da criação. A autora acredita que a obra se apresenta como uma equação infinita de ideias, o mais importante não é o resultado, mas, o caminho que essa obra carrega, “a criação é, assim, observada no estado de contínua metamorfose: um percurso feito de formas de caráter precário, porque hipotético” (SALLES, 1998). O trabalho sempre está em criação, cada

momento é um ponto de partida e não de chegada, daí a importância de vivenciar na prática (artisticamente) esse olhar sobre o fazer em arte, acreditar nas testagens e no caráter hipotético da criação. Nas regências de Estágio Curricular Supervisionado II o corpo dos alunos foi o principal disparador de planos e possibilidades do trabalho executado.

Participar e investigar um processo contemporâneo de criação em Arte na sala de aula propõe a abertura de espaço para ampliar a discussão sobre a disciplina e amadurecer o entendimento das transformações que a sua interação com a tecnologia pode causar.

Ao romper as fronteiras, dar maior atenção à vivência do movimento, as singularidades do corpo e enxergar o criar como um ato de pesquisa e exploração, reforçamos o caráter autêntico da Arte. Desde muito tempo, a Arte não envolve apenas pinturas ou movimentos corporais, mas está intimamente ligada às políticas e produção de conhecimento. O criar é múltiplo e evidencia os valores (éticos e estéticos) do artista e as suas relações com o mundo. Desse modo:

A obra de arte carrega as marcas singulares do projeto político que a direciona, mas também faz parte da grande cadeia que é a arte. Assim, o projeto de cada artista insere-se na frisa do tempo da arte, da ciência e da sociedade em geral (SALLES, 1998, p. 42).

Durante o processo, os alunos puderam perceber quais foram os temas que surgiram como fatores disparadores da criação. Os vídeos apresentados pela turma no último dia da regência mostraram-se muito engajados em temas como feminismo, mercado de trabalho e as questões de gênero. Para André Francisco Marques de Almeida, de 17 anos, um dos alunos da turma – criador do vídeo arte *Liberdade* – o processo de criação do vídeo arte provocou grandes mudanças e revisão de opiniões:

É impossível não considerar as mudanças de pensamento que ocorreram nesse curto e tumultuado período que foi o 3º ano. Entrei na faculdade de filosofia na UFMS e comecei as experiências de uma vida universitária, mudei incontáveis vezes minhas opiniões a respeito de mim, da arte, dos meus objetivos enquanto artista. É difícil responder “como foi para mim, fazer o vídeoarte?” Lembro-me que após a apresentação do projeto, ainda na sala de aula, comecei a procurar um tema que pudesse representar em formato de vídeo. O conceito, não sei por quais motivos exatos, veio a ser o de liberdade, então me foquei no objetivo de evocar uma sensação de liberdade no público, através de imagens que representavam para mim a liberação de algo (ALMEIDA, 2017).

Desse modo, compreendemos que o mais importante não é formar um artista, mas orientar o aluno para um olhar sensível à Arte e para o mundo ao seu redor. Assim, percebo

que um dos papéis mais importantes é esse: desmistificar a Arte como uma disciplina supérflua e não necessária, é permitir sua visão enquanto campo de conhecimento e produção.

DIÁLOGOS POÉTICOS: A TECNOLOGIA COMO UM SUPORTE PARA AS CRIAÇÕES ARTÍSTICAS

Durante nosso período de regência, apresentamos aos alunos a proposta de uma criação artística, os suportes dessas criações seriam fotos e vídeos que relacionassem o corpo deles com ambiente escolar. A ideia era fazer com que eles compreendessem um processo de criação baseado na relação entre arte e tecnologia, oportunizando, além da pesquisa e exploração do movimento, a abertura de espaço para a criação de uma discussão entre arte e ciência e amadurecer o entendimento dessas profundas transformações.

As técnicas figurativas, como o cinema e o vídeo, não são apenas meios para criar imagens. Eles acabam por modificar a maneira de se perceber e interpretar o mundo. Dessa forma, ao mesmo tempo que se reproduz o mundo, passa-se a fornecer uma visão particular dele (PINHEIRO, 2002, p.6).

Como já mencionado acima, no decorrer das aulas citamos o grupo Cena 11, de Florianópolis, Santa Catarina, dirigido por Alejandro Ahmed, que atua na produção e pesquisa artística em dança contemporânea e é um exemplo no Brasil da interação entre arte e tecnologia.

Desde 1994, com o espetáculo *Resposta sobre Dor* já utilizava diferentes linguagens como: histórias em quadrinhos (HQ), poesia, música em cena, vídeos, próteses, máquina e outros. O movimento corporal misturava jazz, ballet clássico e o início dos movimentos de risco. Estes últimos tornaram-se uma das características que a companhia foi aprimorando nos espetáculos seguintes que incluíam: quedas, paradas de mão e encaixes corporais arriscados (BITENCOURT, 2005, p. 7).

Nos espetáculos do Cena 11, as mídias ganham fisicalidade e transformam-se em extensões dos corpos dos bailarinos para proporcionar ao público a possibilidade de fruir conceitos éticos e estéticos sobre o corpo. Assim, o grupo defende os conceitos de uma dança híbrida, ou seja, não aprisionar a dança em uma única forma, mas inventar e reinventar os modos de fazer e apresentar. Múltiplas interações e transformações são possíveis, com a arte, a tecnologia ajuda a transformar as relações estabelecidas com o público e com a própria obra, trazendo também contribuições no que diz respeito à experiência estética e na pesquisa, exploração e apreensão do movimento.

A partir dessas interações, percebemos a criação de trabalhos que exploram novos aspectos e independem de passos codificados, cruzam-se ingredientes diferentes e ousados para criar obras densas e lancinantes. Nessa co-relação indissociável entre corpo e espaço, algumas obras não permitem rótulos, se reinventam, e podemos encontrar suas essências entre a sofisticação e a simplicidade. Assim, simplesmente, somos sugeridos à lançar um novo olhar para as criações em Arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentar algumas discussões levantadas na disciplina Estágio Curricular Supervisionado II, do curso de Licenciatura em Artes Cênicas e Dança da UEMS, acerca das bases conceituais e estéticas que perpassam os estudos do corpo, buscamos ampliar a reflexão sobre o ensino desta linguagem a partir do pressuposto de que a Arte é parte essencial da cultura e da sociedade. As experiências em Estágio se mostraram fundamentais para a nossa formação enquanto acadêmicos e professores. Ao longo dessas experiências procuramos enxergar e considerar as relações de ensino aprendizagem para além da sala de aula. Procurando compreender o meio escolar em sua totalidade, percebemos que o olhar sensível se faz fundamental, tanto por parte do professor em relação ao aluno ao levar em consideração suas individualidades e realidade sociocultural como também pela necessidade do despertar do corpo sensível do sujeito no processo de criação artística e na sua relação com o ambiente escolar. Quando essa relação se dá de forma horizontal, é possível compreender a realidade e criar as relações propostas por Ana Mae Barbosa, entre o fazer, o ler e o contextualizar. Dessa forma, reafirmamos o compromisso com a educação e os diversos modos de pensar e estar no mundo.

A proposta foi mostrar aos alunos que eles eram capazes de pesquisar, explorar e experimentar o movimento expressivo, mesmo que da forma mais simples. Outra ideia que estava sempre presente durante as nossas aulas, foi a de dar importância e valorizar o processo de criação das produções artísticas, tanto no próprio fazer, ao dar outro significado para um espaço físico da escola ou na exploração de ângulos nunca usados por eles com a câmera do celular, sempre apoiados em uma educação que retratasse o cotidiano que viviam.

Queríamos abrir espaço para a discussão sobre os rumos estéticos e conceituais da arte, apresentando vídeos de espetáculos de dança e outras linguagens. Os alunos mostraram-se muito engajados em temas como feminismo, mercado de trabalho e as questões de gênero.

Na elaboração dos vídeos principalmente, esses temas surgiram como fatores disparadores da criação. Pode-se perceber a interação dos alunos com o espaço do ambiente escolar projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, possibilitando a eles o sentimento de pertencimento à escola e também a essa grande e importante obra arquitetônica. Os estudantes se viram como participantes no meio quando, a partir da arquitetura proposta, com seus corpos, movimentos e câmeras, criavam novas perspectivas e significações para a mesma infraestrutura em que conviviam.

Ao romper a fronteira entre o corpo e a máquina e ampliar os conhecimentos sobre os diálogos pedagógicos, criativos e poéticos entre arte e tecnologia, pode-se enxergar novas possibilidades e dar atenção às novas estéticas e conceitos da arte. Isso permitiu a quebra da resistência frente aos avanços tecnológicos inseridos nos processos de criação artística e pedagógicos, e a percepção de que, como outras áreas do conhecimento, a Arte também é influenciada pela tecnologia. As tecnologias não somente criam imagens, elas apresentam uma forma singular de perceber o mundo. Ao provocar inúmeras reflexões, percebemos que o que mais interessa não é o aparato tecnológico em si, mas a colaboração resultante dessa interação. A tecnologia não como uma barreira, mas, como provocação de novos modos de inventividade.

As quebras de dicotomias são urgentes na formação e na prática do educador, acreditamos que, de outro modo a construção do sujeito não é possível. Ser professor requer tempo, aperfeiçoamento e muita dedicação. Para isso, é necessário não somente grande prazer e paixão pela arte e pela educação, mas que, enquanto arte educadores, estejamos conscientes de que é preciso estar em constante processo de aprendizado ao assumir a responsabilidade no papel de formação de alunos mais sensíveis, criativos, contribuintes e politicamente ativos no meio em que vivem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, André Francisco Marques de. Entrevista concedida à Paulo Henrique dos Santos Oliveira, Campo Grande, agosto de 2017.

ALMEIDA, Maria Elisabeth Bianconcini de. **ProInfo**: Informática e Formação de Professores. vol. 1. Série de Estudos Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2000.

BITTENCOURT, Alessandra Torres. “A influência da tecnologia na dança”. Disponível <http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/C%EAAnica/Artigos/a_influencia_da_tecnologia_na_danca.pdf> Acesso em 10 de outubro de 2016.

FUSARI, Maria Felisminda de Resende e. **Arte na educação escolar** / Maria Felisminda de Resende e Fusari, Maria Heloísa Corrêa de Fôlego Ferraz. São Paulo: Cortez, 2001.

KATZ, Helena; GREINER, Christine. “Por uma teoria do corpomídia”. In: GREINER, Christine. **O corpo**: Pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

MACHADO, Silvia Cota. “Análise Sobre o Uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (Tdics) no Processo Educacional da Geração Internet”. In: Revista Novas Tecnologias na Educação, v. V14, 2016.

MARTINS, Bene. “O corpo tem alguém como recheio”. In: Revista Ensaio Geral, v. 1, p. 31-41, 2009.

MORAN, José. **Mudando a educação com metodologias ativas**. [Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II] Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015.

PINHEIRO, Regina. **Dança e tecnologia da informação**. Juiz de Fora: UFJF, FACOM, Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social, 2002.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado : processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.